

UMA PERSPECTIVA PARA A REVALORIZAÇÃO DA LÍNGUA SATERE-MAWÉ NO ÂMBITO ESCOLAR NA SEDE DO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Rebeca Joicy Pantoja dos Santos - Acadêmica em Licenciatura em Letras na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Bolsista do PROGEX. E-mail: rebecajoicy83@gmail.com

Amanda Karoliny Reis da Silva - Acadêmica em Licenciatura em matemática na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Bolsista do PROGEX. E-mail: akrsilva@gmail.uea.com

Ozair da Silva Oliveira - Acadêmico e Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Bolsista do PROJEX. E-mail: ozairmawe@gmail.com

Ediane Garcia da Paz - Acadêmica em Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins, Voluntária do PROGEX. E-mail: pazediane306@gmail.com

Elenice Farias Mourão - Graduada no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas - UEA/CESP. Pós- Graduada em Psicopedagogia Institucional pelo Instituto de Apoio Superior do Norte - ducanorte / Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz FACIBRA- PR Brasil. Professora Voluntária pelo atendimento especializado UEA/CESP. Co-orientadora do Projeto. E-mail: elenicemourao2014@gmail.com

Francisca Keila de Freitas Amoedo - Mestre do programa de Pós Graduação em Educação e Ciências na Amazônia, Graduada em Pedagogia, especialização em Psicopedagogia, Educação Inclusiva e Libras. Professora da Universidade do Estado do Amazonas. Coordenadora do Projeto. E-mail: keilamoedo@hotmail.com

RESUMO

O tema “Língua materna do povo Sateré-Mawé: A importância da valorização cultural da língua em espaços não formais de maneira inclusiva no município de Parintins” é um projeto de extensão que nos motivou escrever este relato, as práxis no desenvolvimento deste, buscando levantar reflexões a respeito do ensino e uso da língua materna Sateré-mawé e avaliar os resultados obtidos neste processo. As metodologias adotadas estão o levantamento bibliográfico, observação participante através de atividades e oficinas realizadas com alunos de uma escola municipal, os dados e informações obtidas através das oficinas. Percebeu-se o desafio desse processo tanto para as 33 crianças indígenas quanto para os professores. A língua Sateré-mawé é um desafio que precisa de uma assistência de profissional bilíngue que facilite o ensino e aprendizagem. O esforço pedagógico se fazia presente nas práticas pedagógicas, professores relatavam a dificuldade da aprendizagem de toda criança e para a sua interação social.

Palavras-chave: Indígenas. Língua Sateré-Mawé. Ensino. Aprendizagem. Crianças.

ABSTRACT

The theme “Mother tongue of the Sateré-mawé people: The importance of culturally enhancing the language in non-formal spaces in an inclusive manner in the municipality of Parintins” is an extension project that motivated us to write this report, the praxis in its development, seeking to raise reflections on the teaching and use of the mother tongue Sateré-mawé and evaluate the results obtained in this process. Methodologies adopted are bibliographic survey, participant observation through activities and workshops held with students from a municipal school, data and information obtained through the workshops. The challenge was perceived in indigenous children and for their teachers, the presence of 33 indigenous children was registered. The Sateré-Mawé language is a challenge that needs the assistance of a bilingual professional who facilitates teaching and learning. The pedagogical effort was present in the pedagogical practices, teachers reported the difficulty of learning for every child and for their social interaction.

Key words: Indigenous people. Sateré-Mawé language. Teaching. Learning. Children.

INTRODUÇÃO

Quando se trata do bilinguismo brasileiro é comum que em sua maioria ele esteja relacionado ao ensino e a aprendizagem da língua inglesa ou espanhola, este senso comum que se encontra incutido na sociedade é excludente, pois não leva em consideração a diversidade linguística já existente no Brasil.

A interculturalidade do povo brasileiro é deixada de lado em favor da predominância do eurocentrismo, valorizando um padrão global imposto por um determinado conjunto de países, o cidadão brasileiro anula a si mesmo e rejeita sua própria identidade, relegando-a ao espaço da marginalidade, o que acaba provocando a exclusão de minorias que lutam para manter traços de sua cultura ancestral.

Esta ideia errônea a respeito do bilinguismo encontra-se até mesmo nas escolas, já que em sua maioria as ofertas de línguas complementares se restringem apenas às línguas estrangeiras em detrimento das línguas nativas que compõe o Brasil, como a própria Sateré-Mawé. No Brasil, como no conjunto dos países americanos, a educação escolar foi empregada como um recurso, quase sempre eficaz, de aniquilação da diversidade (MATOS E MONTES, 2006, p. 72).

Os velhos dogmas transmitidos pelos jesuítas no período colonial ainda predominam nas instituições de ensino da contemporaneidade, que influenciam o ambiente escolar em um sistema de formação limitado até os dias de hoje, contrariando totalmente os ensinamentos de Paulo Freire, que em sua tese propõe uma renovação das diretrizes de ensino, propondo a seriedade relacionada aos conhecimentos que são ensinados de maneira eficaz e não excludente.

Mudança e estabilidade não são um “em si”, algo separado ou independente da estrutura; não são um engano da percepção. Mudança e estabilidade resultam ambas da ação, do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural. O mundo de acontecimentos, de valores, de ideias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos (Freire, 1983, p. 46).

Professores e alunos que desenvolvem projetos e pesquisas na área da inclusão buscam criar caminhos, para que juntos possam combater os estereótipos, e assim adquirir um conhecimento democrático, levando em conta a diversidade existente na sala de aula, principalmente na região do Amazonas, onde encontramos as crianças indígenas.

Haja vista que muitas línguas indígenas desapareceram em meio às resistências históricas,

face às imposições de aculturação aos moldes euro-ocidentais, ora através de extermínio físico, ora culturalmente e aqui ressaltamos a língua Sateré-Mawé, a qual se encontra a mercê do risco de muitas que se perderam nos escombros históricos da interculturalidade.

O indígena na contemporaneidade

A televisão e as outras mídias sociais possuem um importante papel na afirmação das identidades brasileiras, entretanto, existe uma evidente divergência quanto ao ideal de brasileiro apregoado pela mídia. Até alguns anos atrás, quando se tratava de novelas, filmes, comerciais e outras manifestações da mídia, às vezes ridicularizando suas imagens. Com o surgimento e o fortalecimento das redes sociais, pode-se perceber o enfraquecimento e o combate ao estereótipo de quinhentos anos atrás criado pelo colonizador, os indígenas ganham cada vez mais espaço e redescobrem sua voz, podendo assim, resistir à padronização imposta por outros e valorizando cada vez mais todos os aspectos de sua cultura. Nessas perspectivas, dos Estudos culturais, a educação ocorre em diferentes espaços do mundo contemporâneo, sendo a escola apenas um deles,

“quer dizer, somos também educados por imagens, filmes, textos escritos, pela propaganda, pelas charges, pelos jornais e pela televisão, seja onde for que estes artefatos se exponham.” (Costa, 2004, p. 116).

Ou seja, os artefatos culturais, que possuem certo poder de agenciamento, atuam sobre os sujeitos orientando-os a pensar, a agir, a ser de uma determinada maneira (AGUIAR 2012, p. 27).

Neste contexto ao se redescobrir o estudante indígena fica confuso ao se identificar com novas culturas, pois convive em uma sociedade em que sua língua foi há muito tempo excluída, a ponto de ele mesmo também a ter esquecido.

As crianças indígenas são as mais afetadas pelo impacto cultural, levando-as esquecimento da própria língua materna, pois em casa os próprios pais não ensinam mais a língua preferindo o absolutismo da língua portuguesa, pois, carregam consigo um passado de preconceitos linguísticos dos quais procuram poupar os filhos. Machado afirma que “diante das novas demandas da sociedade urbana e que estas famílias inserem, os pais ou os responsáveis experimentam a ruptura dos seus filhos com a cultura indígena tradicional e a inserção em uma nova cultura, o que vem causando preocupação.” (Machado 2016, p. 176). Atender às demandas de uma sociedade implica as relações socioculturais,

onde esta influencia de todas as formas na cultura indígena, como descreve Menezes.

Ficamos impressionados devido a reflexão em que ele como o gestor, cidadão Sateré –Mawé, vindo de Maués, onde acreditamos que a cultura deles é mais forte e frequente, trouxe em sua fala o seguinte: “ Se o pai não está falando a sua língua materna, não é por que ele acha a língua portuguesa mais bonita, mas devido o avanço da presença da tecnologia, é a questão de construção de uma nova identidade dentro dele, é um peso sobre ele, a modernidade vem massacrando a cultura dentro dele. [...] Nas comunidades mais próximas das cidades estão morrendo a língua materna que faz parte da nossa cultura Sesê” Assim foi expresso pelo gestor o sentimento de aflição nesse contexto de sua atual realidade. No espaço escolar em que os Sateré estão inseridos e se fazem presentes, isso é, não estão incluídos, e predomina a valorização da cultura não indígena no espaço escolar, não há um conhecimento mútuo entre suas culturas e as vezes nem reciprocidade” (MENEZES 2018, p. 26).

Vale ressaltar a importância das escolas e das universidades ao criarem propostas como este projeto, que venham auxiliar no seguimento deste trabalho de resgate e manutenção de sua língua, pois o domínio dela é uma das principais características de sua cultura. O projeto desenvolvido pela Universidade do Estado do Amazonas vem com o objetivo de ofertar aos indivíduos indígenas da etnia Sateré-Mawé o reaprendizado de sua língua materna, incentivando assim o verdadeiro bilinguismo brasileiro.

É por meio do uso da linguagem que a maneira de viver de uma sociedade é expressa e passa, constantemente reavaliada, de uma geração para outra. Os modos específicos de usar a linguagem são, por isso, como documentos de identidade de um povo num determinado momento de sua história (BRASIL, 1998, p. 113).

A língua viabiliza a educação e torna possível um ensino/aprendizagem produtivo, bem como permite estabelecer estratégias pedagógicas eficazes. Essa percepção reforça a importância de valorizar a língua materna das crianças indígenas no âmbito das escolas urbanas, viabilizando o ensino e aprendizagem delas.

O indígena em Parintins

O município de Parintins está localizado no estado do Amazonas e é conhecida mundialmente pelo festival que celebra a cultura do povo

brasileiro, as etnias, a miscigenação, um festival que valoriza as culturas indígenas, em especial do povo Sateré-Mawé, seus mitos são recontados através de encenações, danças e canções, suas vestimentas, adereços e há um pouco da língua indígena, raras menções da língua indígena no meio de todas, nas canções. Ao fim do festival folclórico de Parintins, a sociedade guarda o indígena e sua cultura para o próximo espetáculo, o indígena é então mais uma vez relegado ao esquecimento, seus saberes ignorados e sua voz são mais uma vez silenciada.

As instituições de ensino em conjunto com os próprios indígenas devem auxiliar nesta luta pela valorização linguística do povo Sateré-Mawé, promovendo projetos e oficinas voltadas para o uso da língua pelas crianças indígenas e seus os professores das redes públicas para que haja um verdadeiro aprendizado, pois estes não dominam a língua materna indígena.

As Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena, de 1993, asseguram que “cada povo tem o direito de aprender na escola o português como segunda língua, em suas modalidades oral e escrita, em seus vários registros – formal, coloquial, etc.” (p. 177). A exigência do ensino da língua portuguesa como segunda língua deixa subentendido que o indígena tem direito a sua língua materna como sua língua oficial.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O projeto “Língua materna do povo Sateré-mawé: A importância da valorização cultural da língua em espaços não formais de maneira inclusiva no município de Parintins” surgiu a partir de uma pesquisa de conclusão de curso, a qual discorria sobre os desafios das crianças Sateré-mawé no espaço escolar em Parintins.

Explicitar de modo acessível sobre a importância de valorizar a identidade cultural da etnia Sateré-Mawé é um desafio fundamental para desmistificar a lógica da priorização da segunda língua sem, todavia, desmotivá-los a aprender a língua portuguesa, uma vez que é uma condição precisamente necessária. Santos (2005, p. 154) afirma que

O que não se pode confundir ou esquecer é o fato de que o português como segunda língua não pode ser ensinado como língua materna, mesmo para aquelas populações com maior tempo de contato e, portanto, com maior domínio da língua nacional. A língua portuguesa é o veículo da cultura dominante e letrada, enquanto a língua indígena é a língua minoritária e ágrafa, características que precisam ser levadas em conta na preparação dos currículos e das aulas”

Um projeto de extensão que traça o propósito de elucidar a importância de discutir a preservação da língua dos indígenas Sateré-Mawé residentes em contexto urbano, os quais estabelecem inter-relação cultural sem precedência incentivada pela globalização.

Buscando reunir em espaços não formais os sujeitos de conhecimentos que perderam a língua materna, entretanto, no decorrer, encontramos algumas dificuldades, como de não ter registros desse levantamento no DSEI e FUNAI no âmbito de Parintins. Daí emergiu a estratégia de ir ao encontro dos indígenas nas escolas e aplicar oficinas visando extrair os desafios que existem no âmbito da educação formal.

Ao escolher uma escola municipal da sede de Parintins, houve reuniões com a gestora da escola, onde foram esclarecidos os objetivos do projeto e os métodos pretendidos. Nossas atividades eram realizadas no refeitório devido à quantidade de crianças (alunos), as oficinas vespertinas foram realizadas na sala de estudos, os materiais didáticos foram confeccionados pelos bolsistas e voluntários. As oficinas foram aplicadas nos dias de quinta e sexta nos turnos matutino e vespertino de modo que não os prejudicassem em sala de aula.

A mediação aos signos culturais e a aplicação das oficinas

A língua carrega signos culturais inculcados na esfera cognitiva do indivíduo sócio-histórico. Atender as demandas de uma sociedade implica decodificar seus códigos, historicamente instituídos no bojo de sua estrutura.

As práticas educativas ditas formais exigem uma atuação sobre as crianças com conteúdos programáticos estabelecidos para a formação de um sujeito, preparando-o gradualmente para a vida social.

“O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (BRASIL, 1998, p. 15).

A língua viabiliza a educação e torna possível um ensino/aprendizagem produtivo, bem como permite estabelecer estratégias pedagógicas eficazes.

Essa percepção reforça a importância de valorizar a língua materna no âmbito das escolas urbanas, dado que na primeira oficina aplicada na escola escolhida para a pesquisa a timidez das crianças de conhecimento foi nítida. A seguir a descrição das oficinas denota

algumas questões referentes à importância da valorização da língua materna.

Na primeira oficina, na socialização, foi perceptível a vergonha ou uma falta de segurança no uso da língua materna, embora a maioria hábil em sua língua materna se esforçava em se comunicar na língua portuguesa, pois estavam mais confortáveis com o uso.

No encontro, foi perguntado se acompanhavam as aulas de modo produtivo ou se existia algum empecilho que estava incomodando o processo de ensino e aprendizagem, e fizeram referência às dificuldades de comunicação.

A despeito dos esforços metodológicos dos professores para que melhorassem a prática pedagógica e viabilizassem um ensino e aprendizagem mais notório e cabível às condições das crianças indígenas, uma peça fundamental se mostrava ausente, a língua materna das crianças, pois os professores por não serem falantes nativos do Sateré-Mawé acabavam encontrando dificuldade em repassar o conteúdo e as crianças se sentiam atrapalhadas e confusas no momento de comunicação, divididas entre as duas línguas, percebeu-se a dificuldade na assimilação dos conteúdos gerais que eram explicados pelo (s) professor (es).

Em segundo momento, iniciou-se uma conversa na língua materna e apresentando um livro de lendas indígenas da etnia. Curioso em saber o nível de leitura, perguntou se alguém sabia e gostaria de ler uma das lendas, surpreendentemente à sala toda ficou em silêncio. Percebemos ao analisar os relatos de experiências das crianças, que as demandas sociais da cultura envolvente pareciam refletir uma coerção, imprimindo-lhes gradualmente a ideia de pôr a língua portuguesa em primeiro lugar, visto que é o elo entre as necessidades das crianças e das instituições culturais da sociedade envolvente.

Explicitar de modo acessível sobre a importância de valorizar a identidade cultural da etnia Sateré-Mawé foi um desafio fundamental para desmistificar a lógica da priorização da segunda língua, sem, todavia, atrapalhar no aprendizado da língua portuguesa e dos conteúdos curriculares, uma vez que é uma condição precisamente necessária.

Foi traçado o objetivo de expor a equívoca ideia de considerar uma língua, por consequente cultura, melhor que a outra. Considerando a faculdade cognitiva das crianças, iniciou-se por perguntar o que gostariam de comer, listando os nomes das iguarias, revelei alguns fatos curiosos sobre os alimentos, isto é, ao esclarecer suas origens culturais. Isto os fez perceber que há uma diversidade cultural em seu meio. Falando algumas palavras do cotidiano, perguntou-se se conheciam, prontamente disseram que sim.

Foi explicado para eles que algumas palavras mencionadas têm origem indígena, fazendo estarem seguros no que tange à língua e estética que carregam.

Mencionamos o folclore de Parintins, foi perguntado se gostavam, a resposta foi certamente sim, o que aborda a complexidade e os traços indígenas ricos existentes nestas apresentações. Toda essa exposição foi falada na própria língua Sateré-Mawé.

As crianças tinham conhecimentos sobre o domínio de sua língua materna, foi interessante, pois implicou em trazer à tona o conhecimento acerca do uso da língua nos espaços não formais, como suas casas nas praças públicas. Questionados sobre língua que mais utilizavam nesses lugares, responderam que prontamente acerca de uma variação circunstancial, no entanto, em grande parte a língua mãe estava presente.

Mediante o exposto coube responder as necessidades de criar oficinas com atividades para um breve aprendizado que lhes proporcionasse um pouco do conhecimento da sua língua materna para eles, a língua Sateré-Mawé, isto é, uma alfabetização na própria língua assim a valorizando. No que se refere aos alfabetos, houve algumas dificuldades de assimilação, em virtude das letras que faziam parte no alfabeto da língua portuguesa e enquanto que na língua materna não tinha (quantitativo). Além disso, sobre as pronúncias dos alfabetos, cujo som é diferente daqueles que são ensinados, ressoou estranhamento, contudo, ao passo da aula, tiveram o domínio.

Quanto às atividades desenvolvidas com as turmas iniciais no turno vespertino, foi construído um livro interativo pelos acadêmicos, onde através de fabulas narradas em Sateré foi observado o nível da oralidade das crianças. O que pôde ser constatado é que algumas possuíam conhecimento da língua oral, mas desconheciam a língua escrita em Sateré, alguns poucos sabiam, o alfabeto foi apresentado, mas como foi notória certa timidez foi feito uma roda onde ocorreu uma leitura de histórias na língua Sateré e em seguida na língua portuguesa para os que não dominavam a oralidade.

Nas práticas das atividades do projeto, houve mais interações, haja vista que foram levados materiais de desenhos em que eles puderam montar as próprias histórias e na atividade seguinte exercitar a língua escrita.

RESULTADOS

Os resultados observados durante as atividades foi o rompimento das barreiras sociais que ainda impediam os estudantes Sateré de exercer o domínio total sobre sua língua, já que

em comparação com o silêncio das primeiras atividades, nas oficinas seguintes os alunos já se sentiam à vontade para usar sua voz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a língua materna é um desafio dos professores das escolas públicas de Parintins, dado que a escola onde se fez a pesquisa apresentou 33 crianças indígenas estudantes. A língua não é questão, é um desafio que precisa de uma assistência de profissional bilíngue que facilite o ensino e aprendizagem e, ao mesmo tempo, que busque incentivar o uso da língua Sateré-Mawé tanto nos espaços não formais quanto formais do município de Parintins. O esforço pedagógico claramente se fazia presente nas práticas pedagógicas, entretanto, professores relatavam a dificuldade quanto à língua, já que sem esse elo entre o objeto de conhecimento e sujeito deixava a desejar uma parte imprescindível da aprendizagem, a interação social.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, José Vicente de Souza. *Narrativas sobre povos indígenas na Amazônia*. Manaus: Edua, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. *RCNEI - Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DIRETRIZES para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena. Brasília: MEC, SEF, 1993. (Cadernos Educação Básica. Série institucional, 2).

FREIRE, P *Educação e Mudança*. 12.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MACHADO, Romulo Ribeiro. *Sateré-Mawé: a identidade indígena no espaço escolar*. Instituto e Agronomia Programa de Pós – Graduação em Educação Agrícola- UFRRJ. Seropédica, RJ. 2016.

MATOS, K.G.; MONTE, N. L. O estado da arte da formação de professores indígenas no Brasil. IN. GRUPIONI, L. D. B. (Org). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: MEC/SEC/AD, 2006, p. 69-114.

MENEZES, Elenice Maria Farias Mourão. *O impacto Sociocultural na aprendizagem Cognitiva das crianças Sateré-mawé em uma escola urbana regular em Parintins*. Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA – Parintins 2018.

ANEXOS

